

A crise que não houve

A entrevista do presidente do BC no Roda Viva deu fim a uma crise criada pelo Presidente da República em torno do assunto da “independência” do BCB e do nível dos juros.

Era uma daquelas crises desnecessárias, nas quais o PR atravessa rua para arrumar uma briga, faz um papelão, muitos fingem que é um “debate necessário”, mas tudo fica como estava.

Mas vamos ao mérito, para o qual há dois assuntos: de um lado, a organização institucional da moeda (é o que está em jogo quando se discute a “independência” do BCB) e de outro, a dosagem do remédio prescrita pelos especialistas responsáveis pelo delicado assunto da estabilidade da moeda.

São comuns as diferenças de opinião sobre a dosagem. É claro que cada um tem a sua percepção. Mas há doutores especialmente formados e treinados para esta decisão, como em qualquer agência reguladora.

Certamente não é o tipo de coisa que se decide pelo número de clicadas, ou pelo voto popular.

São os doutores a decidir, e por isso mesmo é complexo o “debate” sobre a existência de uma ciência e de uma competência específica sobre o assunto. Desqualificar o profissional especializado é o caminho que nos leva à pseudociência e à pregação antivax.

Também perigoso é retroagir nos progressos institucionais duramente alcançados nos últimos anos no tocante aos mecanismos decisórios da política monetária.

Felizmente, na mesma semana do Roda Viva, reuniu-se a COMOC (a Comissão Técnica da Moeda e do Crédito), e no dia seguinte o CMN (Conselho Monetário Nacional), o “órgão superior” do sistema financeiro. Não houve reunião do COPOM em fevereiro, conforme o calendário oficial.

Ao que tudo indica, nada de muito importante se alterou na estrutura decisória que define a governança da moeda.

Foram muitos anos de tentativa e erro, na verdade, uma quantidade absurda de erros, até chegarmos ao sistema que temos hoje, no qual coexistem diversos colegiados - o CMN, a COMOC, o COPOM, e a CVM -, envoltos em rituais e sutilezas que poucos conhecem. O próprio ministro se confundiu com essa siglas, ainda que reconhecendo a sua importância.

O desenho de hoje para o CMN e para o COPOM é o mesmo do Plano Real: CMN tem 3 membros (2 ministros e o presidente do BCB) e o COPOM é a diretoria do BCB em sessão temática.

A COMOC, a menos conhecida dessas siglas, foi a única que mudou, e para pior. Eram 9 (5 do BCB, a CVM e 3 secretários de ministérios), e agora são 11, com o acréscimo de dois secretários do ministério da Fazenda. A perda da maioria por parte do BCB pode ser vista como uma redução muito sutil e talvez sem consequência no grau de independência da instituição, conforme habitualmente medido. Ou um sinal para mudanças piores no futuro. A ver.